

Por amor às letras¹

Lucia Castello Branco

Para Ângela, Eneida e Ruth,
pelas primeiras letras.

Vereis que, pouco a pouco, as letras vão
rolar do próprio nome:

amor sem m.

amor sem o.

amor sem r.

amor sem a.

amor.
a or.
a r.
a .
.

Maria Gabriela Llansol²

¹ Este ensaio fora escrito para ser lido, por ocasião de uma homenagem recebida na Faculdade de Letras da UFMG. No texto, a professora e escritora conta de como decidiu cursar Letras e, depois, de como se tornou professora da mesma faculdade onde se graduou e de como fez da letra um conceito norteador de suas pesquisas na linha Literatura e Psicanálise.

² Ana Lucia Lutterbach – Psicanalista membro da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise, autora do livro *Patu – a mulher abismada*, publicado pela editora Subversos e coordenadora da unidade de pesquisa Práticas da Letra.

Gostaria de evocar, já de início, depois dessas letras que, em Llansol, rolam do próprio nome, o “mistério nas letras”, tantas vezes aludido por Mallarmé e retomado por Blanchot, em diversos de seus ensaios:

Existe algo como as Letras... Muito poucos levantaram este enigma, que ensombra, da maneira como o faço, para o tarde, tomado de repentina dúvida a respeito daquilo de que gostaria de falar impulsivamente.³

Gostaria de evocar aqui esse “mistério”, porque é ele o que ainda sobrevive — o que resta —, quando me ponho a pensar na Faculdade de Letras como uma casa em que me foi dado um abrigo prolongado: primeiro, como aluna de graduação, de 1974 a 1979; depois como aluna da primeira turma do Doutorado em Literatura Comparada, de 1985 a 1990; e ainda como professora da graduação, de 1984 até hoje, e professora da pós-graduação, desde 1990, com frequente atuação nas linhas de pesquisa Literatura e Psicanálise e Poéticas da Modernidade.

Sim, porque foi pelas letras, por amor às letras, que aqui cheguei e que aqui permaneci. E assim já teria sido desde antes, mesmo antes de prestar o exame para o vestibular, quando então uma charge no jornal *Pasquim* — em que se via um sujeito muito concentrado, esculpindo uma letra, e onde se lia, abaixo: “Estudante de Letras, estudando” — não me faria nem rir, nem chorar, mas antes levar a sério esse ofício.

Devo confessar, então, que não foi exatamente por vocação ao magistério que decidi estudar as letras e me tornar professora. E talvez não seja possível sustentar, até hoje, que aqui permaneci por acreditar ser este — a casa das Letras — o melhor lugar para abrigar um escritor. Esses sonhos — tanto o de que a Faculdade de Letras possa vir a ser a morada dos escritores, quanto o de que os escritores possam se reunir assim, numa só morada — ruíram tão rapidamente quanto as letras rolaram de seu próprio nome.

Mas talvez o que tenha permanecido, como um enigma, seja precisamente a letra — essa “pedra dura ao luar”, a dizer, sempre, que algo de muito concreto poderia ser feito com ela. O que, exatamente?⁴

Em “O espírito da letra”, texto de 1970, em que Roland Barthes se debruça sobre a enciclopédia de Massin, algumas importantes perguntas acerca desse “mistério” são arroladas. Uma delas, que nos parece quase retórica, ainda se mantém na atualidade: “A escrita é feita de letras. É uma evidência. Mas as letras, de que são feitas?”⁵

Essa pergunta, tão enigmática quanto aparentemente superficial, merece, no contexto do ensaio de Barthes, uma resposta quase evasiva:

Podemos procurar uma resposta desconhecida, no que se relaciona ao alfabeto; mas podemos igualmente utilizar a pergunta para desviar o problema de origem, pensar em uma conceptualização progressiva da relação flutuante, cuja fixação determinamos sempre de maneira abusiva. No Oriente, nessa civilização ideográfica, o que é tratado é o que está entre a escrita e a pintura, sem que uma prevaleça sobre a outra: o que permite desmentir esta absurda lei de filiação, que é nossa lei, paterna, civil, mental, científica: lei segregacionista em nome da qual separamos grafistas de pintores, romancistas de poetas, mas a escrita é uma: o descontínuo que é sua característica maior faz de tudo o que escrevemos, pintamos, tratamos, um único texto.⁶

3 MALLARMÉ citado por BLANCHOT. *Para onde vai a literatura*, p. 244

4 Sobre essa Figura da “pedra dura ao luar”, ver LLANSOL. O sonho de que temos a linguagem, p. 18.

5 BARTHES. O espírito da letra, p. 96.

6 BARTHES. O espírito da letra, p. 96.

Creio que não é apenas por uma aproximação ao campo das artes plásticas que uma letra — esta que compõe a escrita — se define. E também parece-me claro que, para Roland Barthes, essa aproximação é insuficiente, já que, na abertura do ensaio, ele anunciara uma ambição maior — a de responder não exatamente sobre a matéria de que são feitas as letras, mas sobre sua função: “As letras servem para compor palavras? Sem dúvida, mas também para algo mais. O quê? Abecedários.”⁷

Fiquemos, por enquanto, com esse “algo mais”. E, se não nos contentamos com a rápida resposta de Barthes, não é porque desmerecemos a função dos “abecedários” — que tantas vezes serviram ao próprio autor quase que como um método, na composição de seus textos em fragmentos —, mas porque desconfiávamos que esse “algo mais” encerra um mistério — precisamente o que Mallarmé viria a chamar de “o mistério nas letras”.

O fato é que a letra não chegou a tomar corpo de conceito até hoje, seja no campo da linguística, seja no campo dos estudos literários propriamente ditos⁸. Talvez apenas na psicanálise, a partir de Lacan, e, evidentemente, na matemática e na lógica, a letra tenha alcançado o estatuto de um conceito. Mesmo assim, é a partir do que se convencionou chamar de “segundo Lacan” (entendendo-se, aí, um segundo momento no ensino de Lacan) que podemos separar, com alguma precisão, os conceitos de letra e de significante⁹.

No campo da literatura, contudo, vemos que o “mistério nas letras” parece ocupar menos os teóricos que os próprios poetas e escritores em geral. Estes, sim, de alguma maneira, estão fadados a lidar com esse “mistério”, e alguns se sentem mesmo convocados a discorrer sobre ele. Digamos que é no cerne desse mistério que se realiza todo o projeto dos concretistas. Entretanto — e o primoroso trabalho da poeta, artista plástica e teórica portuguesa Ana Hatherly o demonstra, cabalmente — o concretismo não começa propriamente com os poetas concretos, mas muito antes.

Talvez se possa dizer que o concretismo começa com a descoberta das letras, e seu mistério. Pois, afinal, como observa Ana Hatherly, as letras, desde a sua origem, sempre estiveram relacionadas à prática mágico-mística, “que considera a meditação sobre o alfabeto como uma via para o conhecimento do nome das coisas e da criação, ou seja, o conhecimento de Deus.”¹⁰

Não me parece que o desejo de Mallarmé — e mesmo sua “crise espiritual”, transposta para a literatura como a “crise do verso” — estivesse longe do desejo do “conhecimento do nome das coisas e da criação”.¹¹ Entretanto, sabemos que para alguns, como Mallarmé, não é exatamente do inefável que se trata, mas antes da matéria das letras, que se faz mistério justamente quando mais delas nos aproximamos, em sua concretude. Porque, tal qual a literatura, a essência das letras parece residir em seu desaparecimento:

O mistério nas letras é sem dúvida de tal natureza que é degradado se respeitado

7 BARTHES. O espírito da letra, p. 94.

8 É preciso reconhecer que, na Faculdade de Letras da UFMG, são os professores que atuam na linha de pesquisa Literatura e Psicanálise os que têm se ocupado mais diretamente da questão da letra. Dentre as tentativas nessa direção, permito-me citar um de meus livros — *Os absolutamente sós*. Llansol — a letra — Lacan e a tese de Doutorado em Literatura Comparada de Ram Avraham Mandil, *Os efeitos de letra*: Lacan leitor de Joyce. Também os trabalhos de Ruth Silviano Brandão, sobre a escrita e a representação, e de Ana Maria Clark Peres, sobre o estilo, são atravessados pela tentativa de formalizar, a partir de uma articulação com a Psicanálise, o conceito de letra.

9 A esse respeito, ver MILNER. *A obra clara*: Lacan, a ciência e a filosofia

10 HATHERLY. *A experiência do prodígio*: bases teóricas e antologia de textos visuais portugueses dos séculos XVII e XVIII, p. 149

11 BLANCHOT. *O livro por vir*, p. 243-244.

e escapa quando agarrado. Para quem o honra de longe, chamando-o de segredo e de inefável, ele se faz objeto de nojo, algo perfeitamente vulgar. E quem dele se aproxima para explicá-lo só encontra o que se esquia e só busca o que foge.¹²

Para um poeta, sabemos, esse não será nunca um mistério qualquer, mas, precisamente o mistério que faz, das letras, literatura, essa linguagem que nunca está “apenas em repouso”, que nunca é “definitivamente feita, imobilizado e morta”, mas que aspira ao paradoxo de uma língua que, “constituindo-se como nascente, quisesse por isso mesmo ser definitivamente feita, ser perfeita”.¹³

Talvez, então, hoje eu pudesse dizer que o encanto da charge que me fora apresentada pelo *Pasquim*, meses antes que eu me decidisse por tentar o vestibular para a Faculdade de Letras, residisse nisto: no paradoxo de uma língua em movimento, pousada, por um instante, nas mãos daquele que julga detê-la, retê-la, inteira, intacta, perfeita.

Sabemos que, se não é da perfeição da forma que a literatura hoje se ocupa, é ainda como “responsabilidade da forma” que podemos concebê-la.¹⁴ E talvez a letra possa finalmente ser pensada, no campo dos estudos literários, como um grão, como o grão dessa responsabilidade, aquilo que permite que a linguagem tome forma no informe, tome sentido no insensato, como no poema de Éluard: “Prendre forme dans l’informe / Prendre empreinte dans le flou / Prendre sens dans l’insensé”.¹⁵

Não terá sido por acaso que, por amor às letras, fui encontrar esse grão nos textos de poetas — Manoel de Barros, dentre uns — e de loucos — Arthur Bispo do Rosário, dentre outros. Com ambos aprendi que o mistério nas letras talvez resida no fato de elas não terem mistério nenhum, como teria dito, acerca do “sentido íntimo das coisas”, o poeta Alberto Caeiro.¹⁶

E ainda aí (eis, talvez, o “algo mais” a que se refere Barthes, em seu ensaio) são as letras que restam, quando nada mais resta da leitura de um poema, ou da escrita de um texto que se propõe a falar de seu mistério.

É assim que imagino a Faculdade de Letras, lugar que me abrigou por quase cinquenta anos e que abrigou e abriga outros que, se ali se encontram, só podem se reunir um a um, como letras singulares de um abecedário: como uma casa da qual, apagadas as últimas luzes, o que restará são as paredes onde reinam, ainda, as letras, como uma “profusão amarga de sinais”.¹⁷

E, se já não podemos ler esses sinais — pois uma letra não se lê —, podemos, quem sabe, escrevê-los, desenhá-los, soletrá-los. Gosto de pensar, hoje, que talvez tenha sido por essa chance rara — a de poder só letrá-los — que um dia fui parar ali, naquela casa.

Referências

12 BLANCHOT. *O mistério nas letras*, p. 48.

13 BLANCHOT. *O mistério nas letras*, p. 61.

14 Refiro-me, aqui, à concepção de Barthes em *Aula*.

15 ÉLUARD citado por BLANCHOT. *O mistério nas letras*, p. 64.

16 CAEIRO. *O guardador de rebanhos*. Poema V, p. 207 -208. São estes os versos de Caeiro: “O único sentido íntimo das cousas / E elas não terem sentido íntimo nenhum”. Ou, ainda, no poema XXXIX, à p. 223: “O mistério das cousas, onde está ele! [...] / Porque o único sentido oculto das cousas / É elas não terem sentido oculto nenhum”.

17 LLANSOL. *O sonho de que temos a linguagem*, p. 18.

BARTHES, Roland. O espírito da letra. *In*: BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, [s.d].

BLANCHOT, Maurice. Para onde vai a literatura! *In*: BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. Lisboa: Relógio D'Água, 1984.

BLANCHOT, Maurice. O mistério nas letras. *In*: BLANCHOT, Maurice. **A parte do fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

BRANCO, Lúcia Castello. **Os absolutamente sós**. Llansol — a letra — Lacan. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CAEIRO, Alberto. Os guardados de rebanhos. Poema V. *In*: PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

CAEIRO, Alberto. Poema XXXIX. *In*: PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

HATHERLY, Ana. **A experiência do prodígio**: bases teóricas e antologia de textos visuais portugueses dos séculos XVII e XVIII. Lisboa: Imprensa Oficial-Casa da Moeda, 1983.

LLANSOL, Maria Gabriela. O sonho de que temos a linguagem. **Revista Colóquio-Letras**, Lisboa, FUNDABENKIAN, n. 143/144, p. l8, jan-jun 1997.

MANDIL, Ram Avraham. **Os efeitos da letra**: Lacan leitor de Joyce. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

MILNER, Jean-Claude. **A obra clara**: Lacan, a ciência e a filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

Sobre a autora

Lucia Castello Branco é graduada em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (1978), mestrado em Literatura Luso Brasileira – Indiana University (1981) e doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (1990). Realizou três pós-doutorados (Universidade Nova de Lisboa, University of California e Universidade Federal do Rio de Janeiro), em Literatura Comparada e em Teorias Psicanalíticas, e um estágio sênior, na Emory University, EUA, sob a supervisão de Shoshana Felman. É Professora Titular em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais e, atualmente, é professora permanente do Programa de Pós-graduação em Letras da Faculdade de Letras da UFMG (POSLIT) e do Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da UFBA (PPLitCult), atualmente, professora visitante no PPLitCult da UFBA. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Portuguesa, Teoria da Literatura, Poéticas da Tradução e Literatura e Psicanálise, atuando principalmente nos seguintes temas: escrita, poesia, feminino, psicanálise, tradução e Maria Gabriela Llansol.

E-mail: castella.branco@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0311109427821243>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0117-5577>

Recebido em: 24 de julho de 2023

Aprovado em: 30 de julho de 2023